



Crônica da Cidade

por Mariana Niederauer >> mariananiederauer.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Crônica é cringe?

Definitivamente sou cringe. Devo me encaixar em, pelo menos, 80% das definições dessa nova gíria que chegou ao mercado de ações da juventude Z. Gosto de sapatilha de bico arredondado, uso emojis em conversas pelo “zap” — e até prefiro as carinhas digitadas no teclado —, adoro um sucesso musical

do passado, tenho dificuldade em acompanhar os hits da temporada, não assisti ao *Big Brother Brasil* e prefiro convites a uma tarde em um café às “baladas” virando a madrugada.

É claro que nada dessa declaração faz sentido, já que só mesmo os jovens, população, portanto, fora do espectro cringe, são os detentores da prerrogativa de taxar outra pessoa com esse rótulo. Prova cabal do meu nível de “cringice”. Eu provavelmente erraria até a forma de pronunciar a palavra. Colocaria aquele sotaque pretensioso e impecável aprendido no cursinho de línguas.

Não à toa, o termo escolhido é justamente o que, no inglês, se refere a “vergonha alheia”. Sim, porque, aparentemente, usar uma expressão em outro idioma é que está realmente na moda e nos torna superconectados. Para completar o nível cringe desse comentário, reforço que ele contém ironia.

Fiquei pensando se escrever crônica seria considerado cringe. Mas acho que nossos julgadores de plantão poderiam abrir uma exceção. Afinal, não há texto mais versátil e passível de reinvenção e de transformação para as necessidades e realidades de cada

tempo do que este. Se minha humilde opinião valer de alguma coisa, peço que a considerem com carinho.

Desisti de tentar acompanhar as novidades desse mundo 4.0 quando, na semana em que aprendi a usar os GIFs nas conversas por aplicativos, surgiram as figurinhas, os tais “stickers”. Sabia que se tratava de uma jornada fadada ao fracasso. Nunca, porém, dei a luta por encerrada.

A internet e, mais especificamente hoje, as redes sociais abrem um mundo de possibilidades. Negá-las é, na melhor linguagem da minha geração, ultrapassado,

e fingir fazer parte sem ter a menor noção do que se trata significa, ao estilo da geração dos meus pais, breguice extrema.

Sim, amigos, todos nós, naquele arroubo da adolescência e da juventude, já criamos ou disseminamos as nossas cringices pelo mundo. Aos novinhos da geração Z, um recado direto de uma cringe, com orgulho (e digo isso também com ternura S2): o alfabeto acabou, e o que é de vocês tá guardado! Vamos no ritmo de Bethânia? “O que é teu já tá guardado / Não sou eu que vou lhe dar / Não sou eu que vou lhe dar / Não sou eu.”

ECONOMIA / Botijão de gás, gasolina e energia elétrica estão entre produtos que ficaram mais caros nas últimas semanas, o que tem levado o brasileiro a buscar alternativas. Alta nos preços ocorre em função do valor do barril de petróleo

Aumentos que pesam no bolso

» ANA MARIA DA SILVA

Botijão de gás é o mesmo. O preço, não. Em cada distribuidora do Distrito Federal, o valor varia e, a cada dia, aumenta. De acordo com levantamento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a alta média do gás de cozinha nas últimas quatro semanas no Brasil chegou a 4,3%. No Centro-Oeste, o botijão de 13kg é encontrado por até R\$ 130.

Na Estrutural, a alta do gás mudou a rotina da população. É o caso do arrumador de mercadoria Antônio Batista de Melo Júnior, 31 anos, morador da comunidade Santa Luzia. Ele conta que costuma comprar um botijão a cada cinco meses. “Eu moro sozinho e compro só quando falta. Não compro reserva”, conta. Para Antônio, o aumento tem dificultado a vida do brasileiro. “É complicado. Era algo que não deveria aumentar, estamos passando por um momento de dificuldade. Imagina só pra quem tem família?”, indaga.

Na média do país, o gás de cozinha custa R\$ 88,94, quase 10% do salário mínimo. Para tentar economizar, Antônio buscou alternativas. “Eu sempre fecho o registro depois que uso e procuro evitar ao máximo usar o gás. Tento utilizá-lo só na hora do almoço. Eu faço comida todo dia. Às vezes, dá preguiça no sábado, então vou a algum restaurante”, ressalta. Antônio diz que também percebeu o aumento no valor dos pratos executivos. “Tudo aumentou muito”, comenta.

Antônio costuma comprar gás em um depósito na Vila Estrutural. Lá, o botijão custa R\$ 90 para retirada e R\$ 95 para entrega. Gessival Moreira Gomes, proprietário do local, conta como o aumento tem impactado nas vendas. “Caiu, mais ou menos, uns 25%, porque quem comprava os reservas não compra mais. Muitas pessoas têm recorrido ao fogão elétrico, apesar da energia cara”, explica.

Segundo Gessival, as quedas nas vendas tiveram início na greve

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



“É um impacto muito grande no nosso trabalho”, diz o taxista Manoel Martins sobre a alta da gasolina

dos caminhoneiros, em 2018. “Depois estabilizou, mas aí voltou a cair novamente por causa da pandemia. Por um momento, melhorou um pouco, porque o povo começou a ficar mais em casa. Mas, depois, as vendas caíram”, conta. A instabilidade do comércio durante a pandemia e o fechamento de restaurantes também contribuíram para a queda no faturamento. “A venda para o comércio caiu cerca de 35%”, diz o empresário. Com isso, foi preciso reduzir o quadro de funcionários: cerca de 70% deles foram demitidos. “A gente pensa que, no próximo ano, vai melhorar, com essa vacina. Porque sem trabalhar, não tem como”, comenta.

Gasolina

O preço médio do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) da gasolina diminuiu cerca de R\$ 0,10 com a chegada do mês de julho. Apesar da queda, a conta final continua alta

para o consumidor. Quem trabalha com transporte vive a inconsistência dos valores do combustível. O taxista Manoel Vera Martins, 53, explica que a classe tem sofrido nos últimos tempos. “Depois do carro, o combustível é a ferramenta principal pra gente. Esse preço sobe e baixa. Às vezes, baixa R\$ 0,10, mas quando aumenta, é cerca de R\$ 0,50. É um impacto muito grande no nosso trabalho”, conta.

De acordo com o motorista, o gasto com combustível chega a consumir cerca de 35% a 40% do faturamento dele. “A queda na procura do táxi foi terrível. Há a concorrência com motoristas de aplicativos, e veio a pandemia. A chance da pessoa deixar de usar o carro próprio para andar de táxi é difícil. Aqui em Brasília, os nossos clientes costumam ser gente de fora. Tanto é que os pontos de táxi são localizados em porta de hotel, aeroporto, rodoviária”, aponta.

Com a queda do turismo na capital durante a pandemia, o servi-

ço sofreu uma redução de 70% a 75%, segundo o motorista. “Teve dia que fizemos um total de zero corridas. Ano passado, no começo da pandemia, não fazíamos nada. Foi dando uma melhorada”. Casado e pai de dois filhos, Manoel diz que está à procura de novas oportunidades. “A gente está se virando do jeito que pode. Pagamos um boleto aqui, deixamos um de lado ali. Nos viramos com a ajuda do governo, que é pouca, mas não deixa de ajudar. A gente vai se adaptando, até porque agora temos de procurar viver com pouco dinheiro”, acrescenta.

Petróleo

Segundo o presidente do Conselho Regional de Economia do Distrito Federal, César Berço, os aumentos ocorrem em função da alta do preço do petróleo no cenário internacional. “Ainda não é maior porque a moeda estrangeira, que é o dólar, que serve de cotação de precificação dessa commodity,



Antônio Batista diminuiu o consumo de gás para economizar

vem caindo no Brasil. A queda tem evitado aumentos maiores, embora o petróleo venha, sucessivamente, apresentando altas no mercado internacional”, pontua.

Além disso, a falta de investimentos em refinarias aumenta o preço para o consumidor final. “A gente importa gasolina e outros produtos que as refinarias do Brasil não têm capacidade de refinar, pois o petróleo extraído no país é mais pesado”, ressalta. Essas características impactam diretamente na mobilidade do DF. “Uma vez que encarece o preço do transporte, muitas pessoas se prejudicam com o orçamento”, explica o especialista.

De acordo com o economista, a principal economia que pode ser feita é deixar o carro na garagem. “O preço vai aumentar ainda mais, já está aumentando. Então, o consumidor deve ficar atento aos gastos desnecessários e fazer uma planilha. Se possível, utilizar bicicleta e andar a pé”, acrescenta.

Reajuste na conta de luz

Na última terça, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciou um reajuste de 52% no valor da bandeira tarifária vermelha 2. Com o aumento, a taxa subiu de R\$ 6,24 para R\$ 9,49 a cada 100 kWh consumidos. A medida começou a valer na última quinta. Segundo a agência, o motivo para a mudança na tarifa está relacionado ao período de estiagem no Brasil, o que impactou diretamente a geração de energia nas hidrelétricas.

A decisão da Aneel visa compensar os custos relacionados à menor geração hidrelétrica nas principais bacias hidrográficas do Sistema Interligado Nacional (SIN). No mês, a cada 1kWh consumido, os clientes passarão a ter um custo adicional de R\$ 0,0949, o que pode ser consultado na parte de “descrição da conta” da conta de luz. No Brasil, a energia hidráulica representa quase 60% da matriz elétrica — ou seja, mais da metade da capacidade instalada vem da água. Isso quer dizer que, nos períodos de estiagem, outras fontes precisam ser acionadas, principalmente a térmica, elevando o custo.

Em nota, a Neoenergia Distribuição Brasília esclareceu que a bandeira tarifária é uma cobrança extra determinada pelo órgão regulador e será ajustada em função dos baixos níveis dos reservatórios de água do país. “Os valores arrecadados são integralmente repassados para cobrir os custos de geração de energia neste momento de crise hídrica do país. Esse ajuste não representa aumento da tarifa de energia e a distribuidora não tem qualquer gestão sobre essa cobrança adicional das bandeiras tarifárias”, ressaltou.

INVERNO

Brasilienses aproveitam o frio para o ver o pôr do sol

» PEDRO MARRA

As baixas temperaturas registradas nos últimos dias, durante o inverno no Distrito Federal, não afastaram o público que costuma ir ao centro de Brasília apreciar o pôr do sol. Ontem, no fim da tarde, o *Correio* foi à Torre de TV e ao gramado que fica entre a Catedral Rainha da Paz e a Praça do Cruzeiro, no Eixo Monumental. Lá, a reportagem encontrou muitas pessoas que mantiveram a programação de domingo. A maioria mantinha o distanciamento social e o uso de máscara, para evitar a disseminação da covid-19.

Justamente para obedecer ao protocolo de segurança sanitário, a arquiteta Amanda Saback, 29 anos, e o grafiteiro Daniel Toys, 30, decidiram ficar em cima do carro do rapaz para curtir o entardecer. O casal de namorados está junto desde novembro de 2020, após o primeiro encontro em um entardecer no Lago Sul, onde Daniel mora. “Destaque, como a gente estava na casa dela, decidimos ver aqui na Praça do Cruzeiro por ser mais perto. Tem vários domingos que a gente vê o pôr do sol, mas aqui foi a primeira vez”, afirma o rapaz.

“Tem lugares, como a Torre de TV, que a gente evita, porque sabe-

Ed Alves/CB/D.A Pressvb



Casais, amigos e famílias curtem o fim de tarde ao ar livre em Brasília

mos que está cheio. Ficamos muito surpresos quando chegamos aqui, pois fica bem cheio também. Até por isso que decidimos ficar por aqui no carro”, afirma Aman-

da, moradora do Cruzeiro Novo.

Já a moradora de Sobradinho Daiane Fernandes, 28, não viu problemas em ir ao gramado da Torre de TV para curtir o momen-

to de lazer com o marido e as duas filhas, Maria Alice, 4 anos, e Ana Sofia, 9. “Sempre trazemos um casaco na mochila por conta desse frio. E, em casa, as minhas filhas brigam muito entre si e acabam ficando ansiosas nesta pandemia. Aqui, todos nós podemos descansar”, afirma Daiane.

“A gente vai mais ao Parque da Cidade, mas aproveitamos sempre para dar uma passada aqui, porque gostamos de vir para ver a fonte d’água. Costumamos ficar por uma hora para curtir bem”, comenta o gerente comercial Danilo Alves, 30, companheiro de Daiane.

A artesã Rubieny Ralker, 24, costuma ir ao gramado perto da Praça do Cruzeiro com o marido, Allan Ralker, 29, autônomo, mas não dispensa certos confortos de casa, por isso levou uma

canga, vinho e petiscos. “Aqui é melhor porque o entardecer é mais bonito e possui uma boa localização. Além disso, tem os food trucks”, diz a moradora de Taguatinga Norte.

Segundo a meteorologista Nayane Araújo, a massa de ar frio vinda do sul é intensa e esse quadro não deve mudar nos próximos dias. Para esta segunda-feira, 5 de julho, a previsão é de temperatura mínima de 9°C e máxima de 24°C no Plano Piloto. Nas demais regiões do DF, como em Águas Emendadas — região de Planaltina —, no Gama e no Paranoá, a temperatura fica entre 7°C e 26°C. A umidade relativa do ar ficará entre 95% e 25% no Distrito Federal. O céu tende a ficar claro, com possibilidade de poucas nuvens para o fim da tarde e início da noite.